

Luteranos em Rondônia: O perfil de uma igreja protestante na região amazônica (1967-1987)

Por Rogério Sávio Link*

Resumo:

O presente artigo baseia-se na pesquisa feita para uma dissertação de mestrado. Ele traz algumas conclusões e problemáticas levantadas na pesquisa e quer ser uma contribuição para a compreensão do rosto do luteranismo no Brasil, enfocando, em especial, o Estado de Rondônia.

Palavras-chave:

Migração, luteranos, Amazônia, Rondônia, IECLB

1. Os luteranos em Rondônia

A história dos luteranos em Rondônia inicia no final da década de 1960 e início da década de 1970. Eles são majoritariamente pomeranos¹ provenientes do Espírito Santo. Os primeiros que chegaram em Rondônia foram os irmãos Martim e

* O autor morou toda sua infância em Espigão do Oeste/RO. Graduiu-se na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo/RS, onde obteve, o título de mestre e, atualmente, faz doutorado em história da igreja no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. Sua pesquisa concentra-se na história da igreja na Amazônia.

¹ Pomerano é o nome dado aos descendentes germânicos que habitavam uma região chamada Pomerânia, na antiga Prússia, na Europa. Os pomeranos possuem língua e cultura distinta dos demais grupos germânicos. No Brasil, estão concentrados especialmente nos Estados do Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Rondônia. Para saber mais sobre os pomeranos no Brasil, consulte: Joana BAHIA, *"O tiro da bruxa": identidade, magia e religião entre camponeses pomeranos do Estado do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000 [tese de doutorado]; André DROOGERS, *Religiosidade popular luterana*. São Leopoldo: Sinodal, 1984; Jorge K. JACOB, *A imigração e aspectos da cultura pomerana no Espírito Santo*. Vitória: Departamento Estadual da Cultura, 1992; Helmar Reinhard RÖLKE, *Descobrimos raízes: aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia*. Vitória: UFES, 1996; Jean ROCHE, *A colonização alemã no Espírito Santo*. São Paulo: USP, 1968; Ernst WAGEMANN, *A colonização alemã no Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1949; Giancarla SALAMONI (org.), *Os pomeranos: valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul – Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: UFPEL, 1995.

Artur Hollander, em 1967. Saíram do Espírito Santo com o objetivo de trabalhar numa serraria e de conhecer a região. No ano seguinte, voltaram para o Espírito Santo, convenceram seus parentes e amigos, venderam suas propriedades e migraram, em 1969, para o então Território Federal de Rondônia. A família Braun migrou juntamente com os Hollander². Nos anos que se seguiriam, inúmeras famílias iriam fazer o mesmo trajeto.

Ao chegarem em Rondônia, encontraram uma terra diferente daquela que conheciam. Na Amazônia, entraram em contato com dois grupos culturais, os *indígenas* e os *caboclos*. No Espírito Santo, seus antepassados foram assentados numa terra com baixa densidade populacional, pois os indígenas que ali habitavam haviam sido exterminados. Em Rondônia, o choque cultural com os indígenas estava em seu auge. Os primeiros contatos foram com os indígenas da família lingüística Tupi-Mondé: Suruí, Cinta Larga e Zoró. As cidades de Espigão do Oeste, Pimenta Bueno, Cacoal e Vilhena foram edificadas em seu território. Uma história desse contato ainda está para ser escrita.

Os caboclos formam outro “grupo cultural” com o qual os migrantes entraram em contato. Naquela época, Rondônia estava totalmente integrada ao sistema extrativista da Amazônia. As vias de acesso eram os rios e igarapés e, em suas margens, encontravam-se os seringueiros. Os primeiros luteranos estabeleceram-se ao longo dos rios e assimilaram a cultura extrativista. Com a abertura de estradas e o crescimento do número de migrantes, o sistema mudaria rapidamente. Em poucos anos, o rio deixou de ser a via principal de locomoção, o sistema extrativista da borracha entrou em decadência e os pomeranos estabeleceram-se longe dos grandes rios, adentrando em terras mais altas.

² Entrevistas com Rodolfo Braun, Adélia G. Braun, Martim Rollander, Hulda Jacob Braun e Cecília Braun, janeiro de 2001.

2. A problemática da migração

No processo migratório, o migrante pomerano deve ser compreendido como *objeto* e como *sujeito*. Como objeto, o sistema manipulou e condicionou seus movimentos e ações. A migração, nesse sentido, foi idealizada e planejada para finalidades específicas. Ela é resultante de um sistema que a pressupõe. A industrialização gerou dois movimentos principais: um de atração de mão-de-obra para a indústria e outro de expulsão dos pequenos agricultores para novas frentes agrícolas. É dentro desse segundo movimento que a migração dos pomeranos luteranos pode ser entendida. Como sujeito, os migrantes podem escolher seu destino. Eles decidem se vão ou se ficam, para onde vão e como vão. Seus interesses estão envolvidos e eles vão promover e manter um sistema que lhes garanta reproduzir o seu etos cultural. Portanto, a migração deve ser entendida nesse duplo sentido.

A sociologia sempre dominou a análise das migrações e seu papel é fundamental para entender o processo. Através dela, conhece-se os fatores de expulsão e de atração que não estão, necessariamente, ligados ao local de *origem* e *chegada* do migrante. No caso da migração para a Amazônia, estavam envolvidos, entre outras coisas, o interesse do capital internacional e a segurança da Amazônia (Segurança Nacional). Além disso, o governo planejou e incentivou a migração para protelar uma reforma agrária e para aumentar o tamanho do minifúndio no Sul do país, mecanizando-o e tornando-o base para a entrada de divisas.

Em questões de migração, a abordagem antropológica é recente, mas revela um potencial enorme para essa tarefa. Através dela, chegou-se à constatação de que podem ser arrolados fatores de atração e expulsão para um grupo cultural. No caso dos pomeranos, viu-se que eles estão mais propensos a migrar para novas fronteiras agrícolas do que para as cidades. A reprodução do seu etos cultural, segundo Joana Bahia, exige a posse de uma terra (*land*). Na compreensão cultural desse povo, quando um pomerano migra para a cidade, torna-se menos pomerano. Além disso, o

sistema de divisão de propriedade privilegia o filho mais jovem e exclui as mulheres. Para reproduzir seu etos cultural, aqueles que não possuem herança devem migrar em busca de novos espaços³.

Tanto na análise sociológica quanto na análise antropológica encontram-se fatores que tornam os migrantes *objeto* e fatores que os tornam *sujeitos* na migração. Na sociológica, destaca-se o interesse econômico e político. O migrante é objeto de interesses alheios a ele, mas também tem seus próprios interesses econômicos e políticos envolvidos. Já na análise antropológica, pode-se dizer que o migrante é condicionado pela sua cultura. Ele age e pensa culturalmente situado. Como objeto, ele vai procurar reproduzir a cultura que herdou. Mas, nessa ação, ele também é sujeito, portanto, ele também está agindo e criando novas formas culturais.

A relação entre *objeto* e *sujeito* deve ser vista de forma dialética. Como objeto, os migrantes sofrem as contradições da colonização. E como sujeito eles as geram. No lugar onde foram assentados, não existia nenhuma infra-estrutura. Não tinham atendimento hospitalar, escolar e nem justiça. Para serem atendidos, deveriam dirigir-se para os centros maiores (Porto Velho e Cuiabá). As doenças e os acidentes causaram mortes entre os migrantes. Os assassinatos foram freqüentes e as testemunhas os apontam, ao lado das doenças, como os principais causadores de mortes. Como sujeitos, os migrantes construíram toda uma infra-estrutura e condições para a reprodução do seu etos cultural. E, como objeto, eles a construíram a partir daquilo que herdaram culturalmente. Nesse sentido, os migrantes pomeranos procuraram, a partir daquilo que conheciam, construir a sua igreja. Eles queriam reproduzir aquilo que culturalmente conheciam e necessitavam para a reprodução do seu modo de ser.

³ Joana BAHIA, “O tiro da bruxa”: identidade, magia e religião entre camponeses pomeranos do Estado do Espírito Santo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000 [tese de doutorado].

3. O surgimento de uma igreja luterana na Amazônia

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) foi convidada pelos próprios migrantes para acompanhá-los nas novas comunidades que se formavam no meio da floresta amazônica. Ela prontamente aceitou essa tarefa e procurou encontrar alguém que quisesse assumi-la. A decisão de acompanhar os membros nas Novas Áreas de Colonização (NAC) deve ser vista no conjunto da história da IECLB. Os sínodos que formaram a IECLB procuravam acompanhar seus membros na migração. Dessa forma, foram expandindo sua influência geográfica. Com Rondônia, não foi diferente. A IECLB procurou organizar a assistência às famílias que migraram para lá. Em 1972, enviou um obreiro para Rondônia. Naquela época, faltavam pastores e a igreja decidiu enviar um catequista que assumiria as funções pastorais. O catequista enviado foi Geraldo Schach, que atuaria em Rondônia até 1979. Em 1973, foi criado o Departamento de Migração, com sede em Porto Alegre, que deveria gerenciar o trabalho nas Novas Áreas de Colonização (NAC). O pastor Arteno Spellmeier assumiu a coordenação do Departamento, permanecendo nessa função até 02/1983, quando seria substituído por Hans Alfred Trein. Trein permaneceria no cargo até 02/1987, quando a Coordenação das NAC foi extinta.

Mas a igreja não pretendia apenas reproduzir aquilo que, no passado, seus sínodos e regiões vinham fazendo: assistir seus membros em novas áreas. Ela queria tornar-se uma igreja mais brasileira e via-se chamada a tomar posições diante da conjuntura sócio-política brasileira⁴.

A IECLB formou-se da junção de quatro sínodos⁵ que dependiam da Alemanha. Com a Segunda Guerra Mundial e com o processo de nacionalização iniciado por Getúlio Vargas, os sínodos sentiram a necessidade de serem mais

⁴ Cf. Rolf SCHÜNEMANN. *Do gueto à participação: o surgimento da consciência sócio-política na IECLB entre 1960 e 1975*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

⁵ Sínodo Riograndense; Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados da América do Sul; Associação de Comunidades de Santa Catarina; Sínodo Brasil Central.

independentes, se quisessem sobreviver como igreja. Eles uniram-se em torno do seminário do Sínodo Riograndense, em São Leopoldo, onde os futuros obreiros pudessem iniciar seus estudos. Constituindo-se numa igreja, viam a necessidade cada vez maior de ser uma igreja no Brasil e para os brasileiros. A crítica ao uso da língua alemã nos cultos recebeu novos impulsos.

A década de 1960 foi de participação ecumênica a nível nacional e internacional. Isso trouxe novos questionamentos e prerrogativas que iriam frutificar na década subsequente. Em 1970, a IECLB pôde fazer uma autocrítica em consequência da transferência da V Assembléia Geral da Federação Luterana Mundial, que deveria ser realizada em Porto Alegre, para Evian, na França. Em decorrência direta desse acontecimento, a igreja começou a tomar posições mais voltadas para questões sócio-políticas. Ela produziu, em 1970, “O Manifesto de Curitiba”, onde fez reflexões sobre a relação entre a igreja e o Estado e onde tomou posição quanto aos direitos humanos. No início dessa década, discutia-se o relacionamento entre fé e política. Em 1976, a IECLB divulgou um outro documento onde conclamava seus membros e suas comunidades à responsabilidade social. Ao acompanhar seus membros nas NAC, a igreja levaria essa nova preocupação para o campo de trabalho.

Assim, desde o início, a IECLB preocupou-se em dar uma dimensão nova aos trabalhos em Rondônia. Ela queria acompanhar seus membros de forma integral: espiritual, política e economicamente. Buscou fazer do trabalho em Rondônia uma espécie de campo de treinamento para as novas questões teológicas e os novos modelos de igreja que estavam sendo pensados no momento. Essa preocupação pode ser vista nas moções do Secretário Geral Rodolfo Schneider para o Concílio de Panambi.

A IECLB encontra-se no início de uma época completamente nova, com chances que talvez nenhuma outra Igreja no mundo tenha: o desbravamento do Oeste brasileiro oferecerá à IECLB a possibilidade da experiência e execução de novos métodos de trabalho e de novos

tipos de ministérios, em zonas recém-abertas, livres de tradições e estruturas obsoletas. A disposição de enfrentar o desconhecido, para formar o seu futuro, dá aos colonizadores dessas áreas a abertura de colaboração e aceitação desses novos métodos de trabalho. Desta experiência haverá certamente, como reflexo, uma reação de abertura e maior disposição nas Comunidades estruturadas, para novas formas de trabalho e novos tipos de ministérios.⁶

O trabalho da igreja em Rondônia pode ser dividido em dois momentos distintos, dentro da proposta cronológica estudada por esse artigo. Uma primeira época que vai até 1978 na qual o trabalho da igreja está mais afinado com o discurso desenvolvimentista do governo. E uma segunda época iniciada em 1979 na qual o trabalho da igreja assume novas compressões eclesiais e sócio-políticas⁷. Entrementes, lembra-se aqui que essa cronologia não é absoluta e que os modelos coexistiram em diferentes graus.

O primeiro momento inicia em 1972, com a chegada do primeiro pastor e com a criação do Departamento de Migração e vai até 1978. Nessa fase, o trabalho da igreja esteve afinado com o programa de desenvolvimento governamental. A igreja queria expandir-se para o Norte e via-se chamada a contribuir no desenvolvimento do país. Ela apoiou a colonização para a Amazônia como forma de diminuir os conflitos sociais no campo e incentivou a migração de seus membros. Com verbas do exterior, a IECLB manteve projetos educacionais, econômicos e sociais em Rondônia. A assistência das comunidades era feita por uma equipe formada por um pastor, um técnico agrícola e uma pessoa que trabalharia como agente de saúde ou enfermeira⁸. Em Espigão do Oeste, um projeto educacional contou com uma fazenda de mil hectares que deveria servir para o treinamento dos filhos dos colonos em técnicas agrícolas.

⁶ Moções de Rodolfo Schneider para o VIII Concílio Geral em Panambi, 12/10/1972 (Arquivo pessoal de Arteno Spellmeier).

⁷ Não foi estabelecida uma data final para esse processo, visto que ele adentra a década de 1990 e o estudo aqui realizado delimita o ano de 1987, quando foi criada uma nova estrutura para as Novas Áreas de Colonização, o Distrito Eclesiástico Regional Noroeste (DERN) e o Distrito Eclesiástico Mato Grosso (DEMT).

⁸ Ao todo foram quatro equipes: Cacoal, Colorado do Oeste, Ariquemes e Rolim de Moura.

Na segunda fase, iniciada em 1979, há uma mudança no quadro de obreiros e o Departamento de Migração deixou de existir, criando-se a Coordenação das NAC, com sede em Cuiabá. Essa segunda fase está marcada por críticas — por parte dos obreiros que atuam em Rondônia e de algumas lideranças da IECLB — à colonização e ao modelo desenvolvimentista. Há uma reavaliação do trabalho da igreja, com influências da Teologia da Libertação, para questões de caráter sócio-políticas. O trabalho desenvolvimentista continua, mas agora com enfoques voltados mais para a organização das pessoas em sindicatos, associações e na “luta pela terra”. A igreja rompe com o apoio à migração e passa a criticar o sistema agrário brasileiro que privilegiava o latifúndio⁹. A reforma agrária passa a ser defendida e os trabalhadores sem terra recebem o apoio da igreja. O trabalho missionário com os povos indígenas, iniciado em 1978, também traz em seu bojo as novas compressões teológicas e políticas. O *serviço* e o *esvaziamento* são termos teológicos que marcam a reflexão dos obreiros e obreiras da IECLB em Rondônia nesse período.

4. Rondônia como uma nova forma de ser igreja

O trabalho que a igreja e seus obreiros propuseram realizar em Rondônia entrou em conflito com as expectativas dos membros. Os migrantes procuravam reconstruir seu modo de vida e suas expressões religiosas, assim como conheciam anteriormente. Os obreiros, por sua vez, queriam uma experiência de ser igreja diferente daquilo que tradicionalmente era conhecido. O uso da língua no culto, nesse sentido, foi ponto de discussão. Os membros queriam que os pastores fizessem cultos em alemão e os obreiros viam nisso um “ranço” da antiga forma de ser igreja e, portanto, não poderiam aceitar que, no Brasil, se fizessem cultos como se estivessem na Alemanha. A criação de uma vestimenta litúrgica alternativa também deve ser encarada nesse sentido. Com a saída dos primeiros obreiros, ela logo deixou

⁹ Em 1982, a IECLB assumiu como tema do ano a questão da terra e da reforma agrária. O lema foi: “Terra de Deus – Terra para Todos”. Cf. *Terra de Deus – terra para todos*. JOREV, Porto Alegre, ano XXVI, nº 1, primeira quinzena de janeiro de 1982.

de ser usada. Na segunda fase do trabalho nas NAC, os obreiros começaram a fazer uma reflexão sobre a resistência que os migrantes pomeranos tinham em experimentar formas alternativas de ser igreja e iniciaram também um processo de valorização do tradicional, desde que esse não expressasse um posicionamento político e social que contradissesse o serviço e o esvaziamento. Nesse sentido, Hans Trein, coordenador das NAC, reavalia o trabalho dos obreiros.

Nós achávamos que, pessoas que têm coragem de arrancar raízes econômicas e sociais e migrar para um lugar desconhecido e começar a vida e tudo mais, que essas pessoas também tivessem abertura e até disposição pra novos jeitos de ser igreja. E não era verdade. A igreja, o talar preto, a liturgia, o culto eram uma das poucas coisas que eles poderiam ter, nesse novo lugar, onde se agarrar, uma coisa conhecida. E nós sempre nos surpreendíamos de novo que as pessoas buscavam essa igreja, entre aspas, tradicional, na nossa maneira de ver. E, no início, nós não entendemos por que isso era assim.¹⁰

O que se está discutido aqui é a relação entre *inovação* e *tradição*. Nesse embate, surge um processo de *resistência* e de *criatividade* que, por sua vez, gera algo distinto. Portanto, sobre a pergunta se Rondônia foi um novo jeito de ser igreja, pode-se dizer que *não* e que *sim*. O *não* expressa a continuidade do tradicional e o *sim* a criatividade da inovação. O presente é a resignificação do passado. É a continuação do passado, mas também é o passado refeito.

¹⁰ Entrevista com Hans Alfred Trein, setembro de 2003.